

## **OS CONCEITOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO PRESENTES NA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA VOLTADA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL**

MARIA ANGÉLICA OLIVO FRANCISCO LUCAS (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ).

### **Resumo**

Neste estudo analisamos como os processos de alfabetização e letramento são conceituados pela produção bibliográfica voltada para a educação infantil. Para tanto, selecionamos artigos, livros e capítulos de livros que tratam de tais processos e da educação infantil concomitantemente, publicados entre 1980 e 2005. Tal recorte foi estabelecido levando-se em consideração o crescimento da produção bibliográfica das duas áreas envolvidas nesta pesquisa – alfabetização e letramento e educação infantil – no período em questão, comprovado por pesquisas de estado da arte. Na análise realizada verificamos que a necessidade de rever o conceito de alfabetização marca parte significativa dos textos selecionados. Pautados tanto na perspectiva construtivista, como na histórico-cultural, a maioria dos textos estudados afirma que a alfabetização é um processo amplo que inicia antes de a criança ingressar na escola e envolve o reconhecimento das finalidades da linguagem escrita, seus usos e funções. A respeito do conceito de letramento, por ser um fenômeno recente, poucos dos textos analisados o mencionam e o diferenciam do processo de alfabetização. Destacamos que o estudo realizado permitiu identificar na produção bibliográfica analisada a presença de dois movimentos: um de “redefinição do conceito de alfabetização”, característico principalmente dos anos 1980, e outro de “diferenciação dos conceitos de alfabetização e letramento”, característico do final da década de 1990 até os dias atuais. Por meio dessa análise, defendemos a manutenção dos dois termos – alfabetização e letramento – por se referirem a processos de natureza distinta, envolverem aprendizagens diferenciadas e requererem procedimentos de ensino também diferenciados, apesar da relação de interdependência e de indissociabilidade que há entre eles. Concluímos que tal distinção é, ao nosso ver, condição indispensável para dotar a prática pedagógica de intencionalidade e sistematicidade, inclusive a desenvolvida em instituições de educação infantil, historicamente marcada pelo assistencialismo.

### **Palavras-chave:**

Alfabetização, Letramento, Educação infantil.

Nesse artigo analisamos como os processos de alfabetização e letramento são conceituados pela produção bibliográfica voltada para a educação infantil. Tal análise é parte de uma investigação sobre a forma como professores de educação infantil concebem os processos de alfabetização e letramento (LUCAS, 2008).

Estabelecemos como recorte temporal o período compreendido entre os anos 1980 e 2005, levando-se em consideração as discussões realizadas em nosso país, nas duas áreas envolvidas neste estudo: a de educação infantil e a de alfabetização e letramento. Para a educação infantil, tomando como referência a legislação educacional brasileira, as três últimas décadas constituem um período de singular importância, pois marcado pela busca da superação das funções assistencialista e preparatória que historicamente marcaram este nível de ensino, em direção a uma educação infantil de cunho pedagógico, preocupada com o desenvolvimento integral das crianças e pautada na indissociabilidade dos atos de cuidar e educar.

Esse período é igualmente importante para a área que envolve os estudos sobre alfabetização e letramento. Foi a partir do final da década de 1970 e início da de 1980 que as taxas de repetência e evasão, principalmente da 1ª para a 2ª série, foram duramente questionadas. Buscou-se, a partir daquele momento, explicações para o problema do fracasso de nossas escolas não apenas em alfabetizar as crianças, mas em ensiná-las a fazer uso competente da leitura e da escrita.

Em função disso, a produção bibliográfica que envolve essas duas áreas no período em questão foi, gradativamente, se avolumando. Esse fenômeno pode ser comprovado nos volumes da Série Estado do Conhecimento, publicada pelo MEC em parceria com o INEP, referentes à educação infantil (Rocha, SILVA FILHO, STRENZEL, 2001) e à alfabetização (SOARES, MACIEL, 2000). Por isso, estabelecemos um critério para selecionar o material bibliográfico a ser utilizado no estudo aqui apresentado. Selecionamos textos[1] que fazem referência, concomitantemente, à educação infantil e aos processos de alfabetização e letramento.

Salientamos que os textos analisados não correspondem à totalidade da produção bibliográfica produzida de 1980 a 2005. Muitos outros textos poderiam ser inclusos. No entanto, consideramos que os utilizados neste estudo são representativos da temática em discussão. A seguir, apresentaremos a forma como os autores dos textos selecionados discutem os conceitos de alfabetização e de letramento.

## **1. Redefinição do conceito de alfabetização**

Iniciamos a análise dos textos selecionados com dois artigos de Kramer e Abramovay (1983; 1985). No primeiro, intitulado "A pré-escola alfabetiza?", as autoras destacam a necessidade de se compreender a alfabetização em sentido amplo e restrito para definir a função desse nível de escolaridade. Em sentido amplo, caberia à pré-escola desenvolver diferentes atividades que favorecessem a aprendizagem da leitura e da escrita. O sentido restrito refere-se à aprendizagem da leitura e da escrita propriamente dita, da qual a pré-escola não precisa obrigatoriamente se ocupar, dizem as autoras.

No segundo artigo, intitulado "Alfabetização na pré-escola: exigência ou necessidade", as autoras, ao discutirem se a alfabetização na pré-escola é uma exigência ou uma necessidade, conceituam-na como um processo amplo e em construção. Para Kramer e Abramovay (1985), a alfabetização é

[...] um processo ativo de leitura e interpretação, onde a criança não só decifra o código escrito, mas também o compreende, estabelece relações, interpreta. Desse ponto de vista, alfabetizar não se restringe à aplicação de rituais repetitivos de escrita, leitura e cálculo, mas começa no momento da própria expressão, quando as crianças falam de sua realidade e identificam os objetos que estão ao seu redor. Segundo nosso enfoque, pois, alfabetização não se confunde com um momento que se inicia repentinamente, mas é um processo de construção (p. 104).

Para confirmar que o processo de alfabetização inicia-se antes do ingresso da criança na escola, Góes (1984), no artigo "Critérios para avaliação de noções sobre a linguagem escrita em crianças não alfabetizadas", relata duas pesquisas por ela

desenvolvidas. Em uma delas, fundamentando-se tanto na perspectiva construtivista, quanto na histórico-cultural, analisa a apreensão do caráter simbólico da linguagem escrita e afirma que as produções escritas das crianças apresentam uma progressão que vai do rabisco à escrita convencional. Na outra pesquisa, ao avaliar a progressão das crianças no domínio das relações entre a linguagem oral e a escrita e na aprendizagem das peculiaridades desta última, a autora confirma a idéia anteriormente exposta. Nas palavras de Góes (1984):

A análise das formas como as crianças lidam com situações de cópia, escrita livre, ditados, etc., mesmo que estejam na faixa dos quatro ou cinco anos, mostra que elas efetuam muitos avanços na direção da aprendizagem do sistema escrito, nessas fases em que ainda não lêem ou escrevem (p. 4).

Na mesma direção estão as observações feitas por Maluf (1987) no artigo "Alfabetização na pré-escola: conceitos e preconceitos". Nele, a autora enfatiza que a alfabetização tem início antes da escolarização formal, quando os indivíduos estão expostos às diferentes manifestações da linguagem escrita, podendo ocorrer de forma espontânea ou provocada, ou nunca ocorrer. As crianças dos centros urbanos, principalmente as de classe média, entram em contato, desde a mais tenra idade, com a linguagem escrita, vivenciam situações de leitura, afirma Souza (1989), no artigo "Alfabetização: iniciando uma conversa com os professores". Para a autora, tal fato significa que a alfabetização se inicia bem antes do ingresso da criança na escola ou pré-escola. Isso é uma vantagem para essas crianças, pois estão desde pequenas aprendendo sobre a função social da linguagem escrita, diferentemente das crianças das camadas populares.

Steyer (2001), no texto "Escrita e leitura na educação infantil: um mundo de possibilidades", apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a forma como crianças de diferentes idades (5 a 8 anos) apresentavam seus textos no processo de aquisição da linguagem escrita. Para tanto, analisou diferentes trabalhos que enfocam a leitura e a escrita na educação infantil. Com base nos estudos de Ferreiro e Teberosky sobre a psicogênese da escrita, a autora afirma que as crianças já lêem e escrevem muito antes de entrarem na 1ª série. Isso ocorre porque desde os primeiros contatos que mantêm com diferentes portadores de textos disponíveis na comunidade em que vivem, as crianças formulam hipóteses sobre o que é ler e escrever.

Perez (1993), no texto "Com lápis de cor e varinha de condão... um processo de aprendizagem da leitura e da escrita", fundamentando-se na teoria histórico-cultural, salienta que a aprendizagem da leitura e da escrita não acontece de forma evolutiva, pois é um processo de transformação de simbolismos na criança. Para a autora, toda aprendizagem, ao se iniciar, não provoca um desenvolvimento acabado; pelo contrário, revela um processo de desenvolvimento. Nas palavras de Perez (1993):

O processo de aquisição da linguagem escrita é um processo de expansão e de extensão de um modo de descobertas. Falar, ler e escrever são instâncias de desenvolvimento integral do sujeito. Nas produções das crianças observamos o ato de conhecer, conhecer não apenas a escrita da palavra, mas o mundo. A relação palavra/mundo revela que a palavra não é apenas um instrumento de comunicação, mas um momento de revelação de conhecimentos/consciência, intuição/imaginação, fantasia/desejo. (p. 103)

De acordo com esta ótica, Ávila (1995), autora do texto "A alfabetização e o papel do lúdico", afirma que a aprendizagem da leitura e da escrita é um processo longo e complexo, que começa "muito antes até da sua interação com sinais gráficos e ir-se-ia construindo pelos caminhos da formação do símbolo (imitação, imitação diferida, jogo simbólico), caminhos esses que se identificam com o lúdico (a brincadeira, o jogo...)" (ÁVILA, 1995: 40). Ao perguntar-se quando tem início tal processo, Ávila (1995) responde:

Desde o momento em que a escrita se torna objeto de atenção da criança numa dada sociedade letrada, quando ela começa a interagir com a língua, ou muito antes disso, quando ela tenta compreender o mundo e vai se valendo do jogo simbólico, para interpretar, operando com significantes e significados. (p. 40)

A idéia de que a alfabetização se inicia antes da entrada da criança na escola é ampliada com a de que tal processo continua durante a escolarização. Dessa forma, a educação infantil constituir-se-ia em um momento do processo de alfabetização das crianças. Confirmando essa idéia, Junqueira Filho (2001), autor do texto "Conversando, lendo e escrevendo com as crianças na educação infantil", explica que utiliza os verbos ler e escrever no gerúndio para, já no título do texto, esclarecer que a aprendizagem da leitura e escrita é um processo que continua após a educação infantil: "[...] na educação infantil, estaremos, em processo, lendo e escrevendo com as crianças, ou seja, começaremos a exploração da linguagem escrita com elas e continuaremos a fazê-lo" (Junqueira Filho, 2001: 141).

Cavalcanti (1997), organizadora do livro *Alfabetizando*, trabalha com a idéia de processo de alfabetização extensivo, ou seja, que não se encerra em uma determinada série, mas avança pelos anos iniciais de escolarização. Para isso, é preciso que "[...] ler e escrever sejam compreendidos como práticas que envolvem uma dimensão pessoal, lúdica e prazerosa, e que são interdependentes, intimamente relacionadas e fruto de um processo longo, difícil e extremamente enriquecedor" (Cavalcanti, 1997: 3). Ela concebe a alfabetização como um "[...] processo psicogenético de construção de conhecimento sobre a Língua Escrita e as práticas sociais que lhe são derivadas: ler e escrever" (Cavalcanti, 1997: vii).

Verificamos que a necessidade de rever a forma de conceituar o processo de alfabetização marcou parte significativa dos textos selecionados. Embasados principalmente na perspectiva construtivista, mas também na histórico-cultural, os autores de tais textos conferem um sentido amplo à alfabetização, aproximando-o do processo de letramento, ao afirmarem que ela é um processo que envolve, além da aprendizagem do código, o reconhecimento das finalidades da linguagem escrita, seus usos e suas funções, cujo início ocorre antes de a criança ingressar na escola, desde que ela esteja exposta a manifestações de leitura e escrita.

## **2. Conceituação do processo de letramento**

O conceito de letramento é explicado por Britto (2005) como uma literação do termo inglês *literacy*. Em "Letramento e alfabetização: implicações para a educação infantil", o autor retoma algumas definições do termo letramento, bem como revê a forma como esse conceito foi introduzido nos meios acadêmicos e escolares brasileiros.

Para ele a questão que envolve o conceito de letramento e traz conseqüências para a educação das crianças pequenas diz respeito a "[...] reconsideração e a ampliação da importância da leitura e da escrita na sociedade urbano-industrial, mais ainda, das formas de participação nessa sociedade e da validação de instrumentos pedagógicos e de avaliação" (Britto, 2005: 9). Salienta que o conceito de alfabetização, que na década de 1980 foi ampliado, deixando de ser considerado apenas como o processo de ensino e aprendizagem do sistema de escrita, com a inclusão do conceito de letramento, voltou a ser visto apenas como aprendizagem e domínio do código escrito.

Nesse contexto, o autor destaca o conceito de cultura escrita como uma expressão abrangente que caracteriza um modo de organização social, cuja base é a escrita. Segundo Britto (2005, p. 15), "cultura escrita implica valores, conhecimentos, modos de comportamento que não se limita ao uso objetivo do escrito". As crianças de lares economicamente mais favorecidos têm acesso a essa cultura pelos diálogos que estabelecem com a mãe, pai e irmãos, pelos lugares que freqüentam, pelos passeios que realizam. Essas relações favorecem a aprendizagem da escrita, dando sentido para tal forma de linguagem. "É à medida que a criança vivencia a experiência dos objetos da cultura escrita, os modos de organizar a cultura escrita, os gêneros de escrita, que ela encontrará sentido no escrito, de modo que, quando aprender o sistema da escrita, ele terá sentido para ela" (Britto, 2005: 17). O mesmo não ocorre com as crianças, cujos pais analfabetos ou com pouca escolaridade, envolvidos nas tarefas diárias, pouca atenção podem dar aos seus filhos. Por isso, diz Britto (2005), desconsiderar a perspectiva da cultura escrita significa aumentar as diferenças sociais ao invés de combatê-las. Para ele, é na perspectiva da cultura escrita que o debate sobre alfabetização e letramento na educação infantil ganha sentido.

Na mesma direção estão as observações feitas por Mello (2005), no texto "O processo de aquisição da escrita na educação infantil: contribuições de Vygotsky", a respeito da relação entre a educação infantil e os conceitos de alfabetização e letramento. Fundamentando-se nos estudos desenvolvidos por Vygotsky e colaboradores, a autora afirma que o trabalho realizado na educação infantil e no ensino fundamental referente à aprendizagem da linguagem escrita está desprovido de cientificidade e, por isso, necessita ser revisto. Nesse sentido, a autora destaca o conceito de letramento como inserção do sujeito no mundo da cultura escrita. Nessa condição, letramento é entendido como compreensão das funções sociais da escrita, o que possibilita usá-la como instrumento cultural, por meio do qual é possível comunicar-se, registrar opiniões e ter acesso ao conhecimento.

No texto "O processo de aquisição da leitura e da escrita na infância", Schmidt, Marques e Costa (2003) trazem contribuições para o esclarecimento da relação entre alfabetização e letramento. Elas partem do pressuposto segundo o qual a escrita é um bem construído socialmente, presente na vida das pessoas desde a mais tenra idade. Concordam que o conceito de letramento extrapola o de alfabetização como capacidade de codificar e decodificar. Em razão disso, afirmam: "[...] a alfabetização deve estar a serviço do letramento" (Schmidt; Marques; Costa, 2003: 195).

Segundo as autoras, o fato de vivermos em uma sociedade letrada e participarmos dela antes mesmo de conhecermos as letras significa que o processo de letramento antecede o de alfabetização. Isso deve ser levado em consideração, ao se trabalhar com crianças na educação infantil. Para Schmidt, Marques e Costa (2003),

A criança que recebemos na educação infantil vive nesse mundo letrado, embora algumas vezes não possamos nos dar conta disso.

Ela chega à escola com muitos conhecimentos formulados sobre a língua escrita, mesmo que ainda não tenha sido apresentada formalmente a ela. (p. 194)

Nesse sentido, dizem as autoras, não cabe apenas às escolas, mas também às instituições de educação infantil aprofundarem o nível de letramento das crianças, oportunizando-lhes contato com a maior diversidade possível de textos que circulam na sociedade e que, concomitantemente, seja desenvolvido um trabalho sistematizado e contínuo.

Cavalcanti (1997) reúne em seu livro textos de reflexão metodológica escritos para subsidiarem o trabalho dos professores de uma escola particular de São Paulo, no que tange ao processo de alfabetização, e textos originários de relatórios sobre o trabalho pedagógico desenvolvido com turmas de crianças de 3 a 5 e de 6 a 8 anos. Em um desses relatórios, mais especificamente o elaborado pela professora Ana Claudia Rocha, referente ao primeiro semestre de 1995, são expostos dois objetivos que norteiam o trabalho com linguagem escrita na escola em que trabalha. São eles: "alimentar o processo pelo qual elas [as crianças] compreendem o funcionamento de nosso sistema alfabético de escrita; propiciar a ocorrência de um processo denominado letramento - através do qual o indivíduo constrói conhecimento sobre a língua que escreve" (Cavalcanti, 1997: 56). Além disso, Cavalcanti (1997) salienta a necessidade de haver um equilíbrio entre esses dois objetivos:

A imersão num ambiente rico em eventos nos quais a língua escrita tem papel de destaque é importante para a alfabetização, mas não é suficiente para tornar o aluno capaz de utilizá-la com autonomia. Para isso, é necessário um equilíbrio entre atividades pontuais, para aprender a ler e escrever, e situações de imersão, nos quais a participação dos alunos é mais espontânea e pouco controlada pelo professor. (p. 57)

Por ser o letramento um fenômeno recente, apesar do crescimento de estudos e pesquisas na área, poucos dos textos analisados o mencionam e o diferenciam do processo de alfabetização. Do total de textos selecionados, somente quatro o mencionam, sendo estes publicados a partir do final da década de 1990.

### **Algumas considerações finais**

Verificamos que tanto a perspectiva construtivista[2], quanto a histórico-cultural[3], fundamentaram os textos analisados neste estudo. Ambas, salvaguardando-se suas distintas matrizes teóricas e os diferentes contextos históricos que as separam, criticam a forma como a escrita era apresentada à criança que enfatizava a associação entre letras e sons, transformando-a em um recurso meramente escolar. Portanto, em nosso entendimento, ambas romperam com as teorias subjacentes aos chamados "métodos tradicionais de alfabetização" e revolucionaram, cada uma a seu modo, a compreensão sobre o processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Concordamos com Soares (2004c) que esse momento corresponde ao **movimento de redefinição do conceito de**

**alfabetização**, o qual passou a ser visto em sentido amplo, como vimos nos textos aqui analisados que fazem referência ao processo de alfabetização.

Porém, a perspectiva construtivista, por ter sido à época muito difundida e por ter subsidiado parte significativa da produção bibliográfica, conduziu a equívocos e falsas inferências sobre tal processo, os quais provocaram a tendência de fundi-lo com o de letramento ou considerar ambos os processos substitutos um do outro. Assim, o conceito de alfabetização foi, de certa forma, suplantado pelo de letramento. Diante das críticas a esse movimento que não produziu os resultados esperados, pois as crianças continuaram sem aprender a ler e escrever, apenas eram promovidas de uma série ou ciclo a outro, iniciou-se um outro movimento que busca recuperar e distinguir os conceitos de alfabetização e letramento e, ao mesmo tempo, considerá-los indissociáveis. Pautando-nos em Soares (2004), o denominamos como **movimento de diferenciação dos conceitos de alfabetização e letramento**,

Demonstramos neste artigo, que esses dois movimentos produziram reflexos na produção bibliográfica sobre alfabetização e letramento voltada para a educação infantil. Verificamos que a necessidade de rever a forma de conceber a alfabetização marcou parte significativa dos textos selecionados. Embasados principalmente na perspectiva construtivista, mas também na histórico-cultural, autores como Góes (1984), Kramer e Abramovay (1983; 1985), Maluf (1987), Souza (1989), Perez (1993), Ávila (1995), Cavalcanti (1997) e Steyer (2001) afirmam que a alfabetização é um processo que envolve, além da aprendizagem do código, o reconhecimento das finalidades da linguagem escrita, seus usos e suas funções, cujo início ocorre antes de a criança ingressar na escola, desde que ela esteja exposta a manifestações de leitura e escrita. Tais autores conferem um sentido amplo à alfabetização, aproximando-a do letramento, em conformidade com o movimento de redefinição do conceito de alfabetização. Por ser o letramento um fenômeno recente, apesar do crescimento de estudos e pesquisas na área, poucos autores dos textos selecionados o conceituam: Cavalcanti (1997); Schmidt, Marques, Costa (2003); Britto (2005) e Mello (2005). Esses autores, em comum, definem letramento como inserção do sujeito no mundo da cultura escrita, diferenciando-o do processo de alfabetização. Em conformidade com o movimento de diferenciação dos conceitos de alfabetização e letramento.

Defendemos a manutenção dos dois termos - alfabetização e letramento - pois se referem a processos de natureza distinta, envolvem aprendizagens diferenciadas e requerem procedimentos de ensino também diferenciados, apesar da relação de interdependência e de indissociabilidade que há entre eles. Concluímos que tal distinção é, ao nosso ver, condição indispensável para dotar a prática pedagógica de intencionalidade e sistematicidade, inclusive a desenvolvida em instituições de educação infantil.

## Referências

ÁVILA, Ivany Souza. A alfabetização e o papel do lúdico. In: RODRIGUES, Maria Bernadete Castro; AMODEO, Maria Celina Bastos. **O espaço pedagógico**. Porto Alegre: Mediação, 1995. p. 37-42.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Letramento e alfabetização: implicações para a educação infantil. In: FÁRIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral. (Orgs.). **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 5-21.

CAVALCANTI, Zélia (Org.). **Alfabetizando**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médica, 1985.

GÓES, Maria Cecília R. Critérios para avaliação de noções sobre a linguagem escrita em crianças não alfabetizadas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 49, p. 3-14, mai. 1984.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. Conversando, lendo e escrevendo com as crianças na educação infantil. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis (Orgs.). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 135-152.

KRAMER, Sonia; ABRAMOVAY, Miriam. A pré-escola alfabetiza? **Criança**, Brasília, n.5, p. 9-11, 1983.

\_\_\_\_\_. Alfabetização na pré-escola: exigência ou necessidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 52, p. 103-107, fev. 1985.

LUCAS, Maria Angélica Olivo Francisco. **Os processos de alfabetização e letramento na educação infantil: contribuições teóricas e concepções de professores**. Tese. 2008, 322f. (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, 2009.

LURIA, Alexander Romanovich. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKII, Lev. Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2006. p. 143-189.

MALUF, Maria Regina. Alfabetização na pré-escola: conceitos e preconceitos. **Educação e Sociedade**, São Paulo, Cortez, n. 26, p. 133-144, abr., 1987.

MELLO, Suely Amaral. O processo de aquisição da escrita na educação infantil: contribuições de Vygotsky. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; MELLO, Suely Amaral (Orgs.). **Linguagens infantis: outras formas de leitura**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 23-40.

PEREZ, Carmen Lúcia Vidal. Com lápis de cor e varinha de condão... um processo de aprendizagem da leitura e da escrita. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Revisitando a pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1993. p. 78-107.

ROCHA, Eloisa Aires Candal; SILVA FILHO, João Josué; STRENZEL, Giandréa Reuss. **Educação infantil** - série estado do conhecimento. Brasília: MEC/Inep/Comped, v. 2, 2001.

SCHMIDT, Maria Helena Costa Braga; MARQUES, Maria Lucia; COSTA, Vera Lúcia Vãos Gomes da. O processo de aquisição da leitura e da escrita na infância. In: NICOLAU, Marieta Lúcia Machado; DIAS, Marina Célia Moraes (Orgs.). **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância**. Campinas: Papyrus, 2003. p. 193-229.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

SOARES, Magda; MACIEL, Francisca (Org.). **Alfabetização**. Brasília, MEC/Inep/Comped, 2000.

SOUZA, Solange Jobim. Alfabetização: iniciando uma conversa com os professores. In: **Criança**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 20, p. 22-24, jan., 1989.

STEYER, Vivian Edite. Escrita e leitura na educação infantil: um mundo de possibilidades. In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite (Orgs.). **A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001. p. 149-168.

\_\_\_\_\_. La prehistoria del desarrollo del lenguaje escrito. In: VYGOTSKI, Lev Semióvich. **Obras Escogidas III**. Madrid: Centro de Publicaciones del M.E.C. y Visor Distribuciones, 2000. p. 183-206.

---

[1] Quando utilizamos o termo *textos*, ao tratarmos da produção bibliográfica analisada, estamos nos referindo a artigos, livros e capítulos de livros.

[2] Referimo-nos às pesquisas desenvolvidas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985) a respeito da psicogênese da escrita.

[3] Referimo-nos aos estudos realizados por Vygotsky (2000) e Luria (2006) sobre o desenvolvimento da escrita na criança.